

An aerial photograph of a city skyline, featuring several prominent skyscrapers. The buildings are rendered in a monochromatic blue and white color scheme. The text 'DOSSIÈ METRÓPOLES' is overlaid on the right side of the image in a bold, white, sans-serif font. The background shows a dense urban environment with various building heights and structures.

DOSSIÈ METRÓPOLES



APRESENTAÇÃO

*Maria Cristina da Silva Leme
e Ana Lucia Duarte Lanna*

Um estado mental, pela aceleração dos sentidos, pela necessária sincronia e simultaneidade da ação, a metrópole exige do cidadão um novo modo de vida, em profundo contraste com o ritmo mais lento, mais fluido da vida na pequena cidade ou no mundo rural. Essa realidade percebida por Simmel em sua dimensão psicológica, ao final do século XIX, é descrita por Nicolau Sevcenko nos anos 20 para São Paulo, em artigo publicado na revista *Espaço & Debates* (n. 34, 1991): “[...] o que a gente vê é exatamente a passagem de um mundo estático para um mundo incorporado completamente a esta noção nova de tempo”.

O nosso tempo recoloca esse paradoxo constitutivo da vida urbana. Ao mesmo tempo em que identificamos que a forma de vida urbana é crescentemente predominante, que reconhecemos a persistência da utopia da cidade como campo da liberdade e das possibilidades, também problematizamos a existência da validade da noção/conceito de cidade.

As cidades se revelam como objeto de reflexão, tema de pesquisa em tudo instigante e paradoxal. A experiência da diversidade e o confronto de experiências e práticas as constituíram de variadas formas. As diversas visadas sobre esse objeto nomeado, vivido, pensado por tantas perspectivas constituem o marco de origem da proposta deste

dossiê. O reconhecimento dessa multiplicidade marca, de início, a distância e a recusa de constituir o dossiê como balanço ou mesmo como construção de análises complementares que viabilizassem a constituição de um “retrato” das metrópoles. A proposta que orientou a escolha dos temas que resultaram nos textos produzidos por especialistas de diversas e múltiplas formações e origens intelectuais foi o reconhecimento de que a cidade – mais ainda, a cidade em sua escala metropolitana – impõe a elaboração de análises diversas tomando como problema escalas, objetos e recortes múltiplos. Também, a constatação de que a cidade demanda a aproximação e o diálogo entre esses olhares e que sua apreensão impõe o abandono da utopia da totalidade, da convergência.

Os textos deste dossiê realizam em si e nas relações possíveis entre eles essa leitura da metrópole.

Sarah Feldman aborda a relação entre o pensamento urbanístico e a metrópole entre as décadas de 1930 e 1970, período em que o Estado é assumido como principal agente do planejamento, e a urbanização movida pela industrialização constitui a metrópole conurbada e concentrada. Ao longo dos anos 50, momento de intensa crença nas possibilidades do planejamento como atribuição

MARIA CRISTINA DA SILVA LEME é professora titular do Departamento de Projeto da FAU-USP.
ANA LUCIA DUARTE LANNA é professora titular da FAU-USP e autora de, entre outros, *Uma Cidade na Transição – Santos: 1870-1913* (Hucitec).

privilegiada do Estado, destacam-se duas abordagens sobre a metrópole formuladas nesse período, que fornecem um panorama da reflexão sobre o planejamento em geral e em relação à condição da metrópole. Na primeira abordagem, urbanistas, ao questionarem a organização da metrópole concentrada, propõem interferir no processo de concentração demográfica e de concentração industrial entendendo o planejamento regional como forma de enfrentar as desigualdades regionais. No mesmo período, encontros e diversas atividades reúnem profissionais de vários países latino-americanos para desenvolver a relação entre o planejamento e a habitação. Métodos de produção, construção e financiamento habitacional, inventário e definição de eliminação do déficit, reabilitação de bairros insalubres, planejamento, instituições, padrões de urbanização e zoneamento foram objeto de uma vasta gama de atividades e encontros em todo o continente. Políticas, programas e instrumentos de intervenção são formulados, ampliando o espaço do planejamento.

Se a relação entre industrialização e urbanização determinou a forma peculiar da urbanização no Brasil, conforme afirma Francisco Oliveira em seu artigo “O Estado e o Urbano” (in *Espaço & Debates* n. 6, 1982), é necessário admitir que, nas últimas décadas, as mudanças no sistema produtivo tiveram impacto na estrutura social e no mercado de trabalho. Conforme observa Eduardo Cesar Leão Marques, nas duas últimas décadas verificou-se na metrópole paulistana um significativo crescimento econômico no setor de serviços, em especial nos serviços produtivos e no comércio. Apesar de não representar um esvaziamento da indústria, aparentemente a metrópole paulistana superpôs funções econômicas, concentrando capacidades de comando sem perder completamente a produção industrial. A cidade tornou-se mais terciária, mas sem ter deixado de ser secundária.

O artigo aborda o impacto das transformações econômicas na estrutura social e sugere ser necessário escapar cada vez mais de interpretações duais, abrigando diversos tipos de espaços (e grupos sociais) intermediários na metrópole. Isso não significa o completo desaparecimento de uma estrutura

urbana grosseiramente radial e concêntrica em suas dimensões mais gerais, e muito menos das desigualdades socioespaciais que caracterizam São Paulo tão fortemente, mas a sua recomposição em padrões mais complexos e contínuos. O sumário desses elementos talvez pudesse ser enunciado como apontando para maior heterogeneidade, acompanhada de menores, mas reconfiguradas, desigualdades.

Uma das faces da nova configuração econômica se expressa em novos arranjos, redes e estruturas de produção e circulação que, segundo Silvana Zioni, compõem uma nova forma de polarização da metrópole paulistana. Tais mudanças podem estar relacionadas a dinâmicas de transformação do espaço metropolitano, confirmando ainda mais a força de polarização e articulação concentrada nessas formações, que abrangem regiões e cidades e cidades-regiões. Assim, considera-se que a forma atual de organização espacial de atividades de transporte, armazenagem e logística seja indício de alguns processos presentes na RMSP e revele aspectos do fenômeno da metropolização, como tradução espacial das transformações atuais dos sistemas de produção.

Partes do território da metrópole paulistana estão hoje em claro processo de transformação em função de grandes obras de infraestrutura e da implantação de equipamentos de grande porte. É o que acontece na periferia da zona leste de São Paulo, onde grandes obras ferroviárias e de escoamento fluvial sustentam operações de reestruturação de extensas áreas de ocupação desordenada e informal. A implantação de um eixo metropolitano (a Avenida Jacu-Pêssego), transversal aos vetores de transporte dominantes, tende a reconfigurar o sistema de fluxos da região. A infraestrutura de drenagem e contenção de enchentes determina a reestruturação urbana dos bairros criados na várzea do Tietê. Nelson Brissac indaga sobre o tipo de urbanidade local que a nova Avenida Jacu-Pêssego, um dispositivo logístico metropolitano, seria capaz de engendrar. E apresenta um desafio: é possível propor um urbanismo que aproveite a realização dessas importantes obras de infraestrutura e a instalação de espaços públicos (estações, equipamentos educacionais, praças, parques) para promover a participação da sociedade em processos de urbanização em grande escala?

A dificuldade de apreender a cidade, principalmente em escala metropolitana, encontrar os instrumentos e definir as estratégias de análise que podem dar conta de toda sua complexidade é o desafio a que se propõe José Guilherme Cantor Magnani. Ele recupera a experiência da Expedição São Paulo 450 Anos problematizando a metrópole a partir da especificidade da experiência antropológica, ela mesma problematizada como procedimento a partir da escala da metrópole. Magnani recorta o objeto e qualifica seu problema de analisar a cidade por “dentro e de perto” ao propor uma leitura da metrópole a partir de aproximações entre o IML, o Metrô e a cooperativa de reciclagem do lixo, destacando a metrópole como intercâmbio de funções e trânsitos de especificidades.

O artigo de Regina Helena Alves da Silva e Paula Ziviani propõe discutir certa tensão nas cidades brasileiras no ano entre a Copa das Confederações e a Copa do Mundo da Fifa. Segundo as autoras, tais megaeventos “tentam instalar uma dinâmica da aceleração do tempo para o crescimento e desenvolvimento econômico de um país”, o que nem sempre ocorre, principalmente quando “movimentos de ocupação do espaço urbano procuram resistir às imagens de cidade impostas pelos megaeventos”.

Ao abordar a nova produção artística de jovens moradores das periferias de São Paulo, Teresa Pires do Rio Caldeira observa que, por meio de suas atividades, eles não só afirmam sua existência na cidade e fazem valer seu direito de usar seus espaços, como também começam a dominar a produção de representações e suas linguagens – pintura, caligrafia, escrita, vídeo, filme e mídia digital e eletrônica. Mais do que apropriações indevidas de espaços públicos ou privados, esses jovens im-

primem na cidade, especialmente nas áreas mais ricas, a presença daqueles que supostamente deveriam se manter invisíveis. O artigo revela que, apesar de substanciais, as transformações apresentam contradições profundas, sendo uma das mais proeminentes a reprodução de desigualdades de gênero. A grande maioria dos protagonistas de todas as formas de intervenções artísticas e culturais originadas nas periferias são jovens do sexo masculino. Essas práticas deslocam o centro, afetando seu caráter e reconfigurando o público de toda a cidade. Essas intervenções só podem ser tensas e quase sempre agressivas, uma vez que desafiam padrões firmemente arraigados de dominação e discriminação. Contudo, essa produção de autorrepresentação e seu caráter transgressor são, sem dúvida, uma das consequências mais inovadoras da democratização brasileira.

Por fim, na seção Livros, mas atrelado ao Dossiê, o texto de Paulo César Garcez Marins analisa a coleção de três livros dedicada à história da habitação e da arquitetura moderna no Brasil, denominada *Os Pioneiros da Habitação Social*, organizada por Nabil Bonduki e Ana Paula Koury, obra ímpar no cenário da produção editorial brasileira voltada à história da arquitetura e das cidades.

Assim, nos textos reunidos neste dossiê, emerge a percepção sobre um território cujos limites e fronteiras se confundem e esvanecem em formas novas de sociabilidade. Fluxos e porosidades são as novas metáforas elaboradas para descrever os territórios metropolitanos. Os fluxos não destroem a cidade, mas impedem sua compreensão como objeto totalmente apreensível. Trata-se de reconhecer conexões e práticas que revelem as múltiplas existências da metrópole.